



Masculinidades performativas no contexto escolar: entre regulações, tensões e subversões

Performative masculinities in the school context: between regulations, voltages and subversions

Paulo Melgaço da Silva Júnior
Leandro Teófilo de Brito

Resumo

Problematizamos, neste artigo, narrativas de jovens adolescentes, sobre os sentidos das masculinidades, como performances, no contexto escolar. Para tal, trazemos como base teórica, os estudos *Queer*, com destaque para a noção de performatividade de gênero, da teórica feminista Judith Butler, para pensar sobre a categoria masculinidade. Os jovens adolescentes, enunciaram em suas narrativas, discursos múltiplos e, de uma maneira geral, divergentes sobre os significados de “ser homem” no contexto escolar. Deste modo, pensar em masculinidades performativas, nos direciona a vislumbrar o reconhecimento de infinitas possibilidades de “ser homem”, contestando a imposição de padrões e regulações sobre os sentidos do masculino, em particular, nos contextos escolares.

Palavras-chave: Masculinidades. Performatividade. *Queer*. Escola. Narrativas.

Abstract

We discuss in this article, narratives of young adolescents, about the meanings of masculinities, such as performances, in the school context. For this, we have as theoretical basis, the *Queer* studies, with emphasis on the notion of gender performativity, feminist theorist Judith Butler, to think about the category masculinity. The young adolescents enunciated in their narratives, multiple discourses and, in a general way, divergent on the meanings of “being man” in the school context. In this way, thinking about performative masculinities, directs us to glimpse the recognition of infinite possibilities of “being a man”, challenging the imposition of patterns and regulations on the senses of masculine, in particular, in school contexts.

Keywords: Masculinities. Performativity. *Queer*. School. Narratives.



Introdução

Pautados pela perspectiva feminista contemporânea, os estudos sobre homens e masculinidades ainda são uma vertente que busca maior reconhecimento e legitimidade no campo de estudos de gênero no país. As pesquisas sobre gênero no Brasil, no geral, hegemonizam o enfoque para a problemática das mulheres e do feminino, secundarizando os estudos sobre a categoria masculinidade, pois as ciências sociais no Brasil ainda não forjaram uma sólida tradição acadêmica, epistemológica, em torno das abordagens sobre o gênero masculino (BENTO, 2015).

No campo da Educação, as pesquisas sobre homens e masculinidades também encontram-se em desenvolvimento e em busca de consolidação na sua vasta produção acadêmica sobre gênero e sexualidade. Suas interlocuções, no âmbito mais geral das principais publicações, buscaram diálogo com as vertentes teóricas críticas e pós-críticas, problematizando a multiplicidade de sentidos sobre o masculino nas instituições educacionais, nos cotidianos escolares e nas políticas públicas de educação (ARTES; CARVALHO, 2010; BRITO; FREITAS; SANTOS, 2014; BRITO, 2016; CAETANO; SILVA JÚNIOR; GOU-LART, 2016; SEFFNER; SILVA, 2016; entre outros/as).

Buscando, assim, contribuir com esse campo de estudos, abordamos, neste artigo, relatos de jovens adolescentes, estudantes de uma escola da periferia urbana, na região de Duque de Caxias, localizada no estado do Rio de Janeiro, sobre os sentidos das masculinidades no ambiente escolar. Pretendemos mostrar, através de narrativas, como dois estudantes dos anos finais do ensino fundamental, enunciam sentidos sobre o que entendem por “ser homem” nos contextos sociais em que circulam, particularmente o contexto escolar.

Com o objetivo de discutir o que chamamos de *performatizações/performances de masculinidades*, trazemos, como escopo teórico-metodológico de base, os estudos *Queer* (SULLIVAN, 2003; LOURO, 2008; BUTLER, 2015, PELÚCIO, 2016; entre outros/as). A teoria *Queer* busca, em linhas mais gerais, problematizar a dinâmica do gênero, da sexualidade e do desejo na organização das relações sociais (MISKOLCI, 2013). Com ela, buscamos interrogar e problematizar as identificações heteronormativas¹ que orientam o discurso hegemônico em torno da normalidade masculina no contexto pesquisado.

O presente trabalho está estruturado da seguinte forma: primeiro, apresentamos as bases teóricas que sustentam a análise dos dados, tais como a teoria *Queer* e a noção de performatividade de gênero, para pensar as masculinidades; em seguida, problematizamos o contexto de pesquisa e como operacionalizamos as entrevistas narrativas; por fim, concluímos o artigo, destacando as questões relevantes que apareceram em nossas interpretações.

Entre teorias *Queer* e performatizações de masculinidades

A teoria *Queer* é configurada como uma perspectiva pós-identitária (LOURO, 2008). Apropriando-se do sentido de ofensa que o termo *Queer* significa na língua inglesa, para inversão dessa significação como potência de luta política (PELÚCIO, 2016), a teoria *Queer* coloca em discussão a heterossexualidade como norma e questiona a hierarquização

1 O termo heteronormatividade enuncia a ordem social que reconhece apenas a heterossexualidade como única orientação sexual possível, atrelada a um suposto binarismo de gênero (WARNER, 1991; MISKOLCI, 2013).



e a univocidade dos pares binários masculino/feminino nas identificações de orientação sexual e gênero dos sujeitos.

O objetivo da vertente teórica em questão é problematizar e interrogar a sexualidade tida como “normal” (a heterossexualidade), assim como os processos que constituem os sujeitos como “normais” (hegemônicos). Nesse sentido, ela propõe questionar as lógicas tradicionais que operam o pensamento, discutindo as práticas e os pressupostos sociais que enfatizam a heterossexualidade como normal/natural. Em vista disso, neste artigo, “*Queer* significa colocar-se contra a normalização – venha ela de onde vier” (LOURO, 2008, p. 38), visando desestabilizar e problematizar sedimentações de qualquer natureza ou dogmatismo. Wilchins (2004) reforça o pensamento de que toda norma é sempre opressiva e dominadora, por conseguinte, a proposta é romper com as oposições binárias que existem tanto nos discursos homofóbicos como nos discursos que favorecem a homossexualidade – porque estes não escapam à heterossexualidade como norma (CAETANO, 2016), assim como ocorre com os discursos generificados. Desse modo, desconstruir as oposições binárias que regem a formação da identidade também é revelar as relações de poder que estão por trás delas e os jogos de verdade que se organizam e são por elas organizados (CARLSON, 1998).

Para Sullivan (2003), *Queer* é um posicionamento que potencialmente pode ser tomado por todos/as aqueles/as que se sentem marginalizados/as. Ao desnaturalizar o entendimento de sexo, gênero e desejo, as teorias *Queer* negam a heteronormatividade, a homonormatividade e a própria noção de tolerância, para pensar a categoria da diferença (MISKOLCI, 2013) como potencializadora de tais problematizações. Elas surgem, dentre outras possibilidades, como contestação às definições rígidas de identidade que pretendem homogeneizar todas as pessoas a partir de uma performatividade da norma (BACHILLER, 2005).

Central na discussão dos estudos *Queer* e produtiva para discutir os processos de subjetividade de estudantes no cotidiano escolar, destacamos a teorização sobre performatividade de gênero de Judith Butler. A teórica feminista e *Queer* estadunidense afirma que o gênero é performativo pela repetição estilizada do corpo por falas, atos e gestos, que, com base nas normas da heterossexualidade reprodutora, busca enquadrar os sujeitos arbitrariamente em modelos binários, inteligíveis e coerentes com a premissa normativa de sexo-gênero-desejo (BUTLER, 2015). Todavia, este é um processo contingente e imprevisível, que permite, ao mesmo tempo, a manutenção dessas normas como possibilidades de rupturas e subversões, ou seja, um processo de repetições/deslocamentos das normas.

Dizer que o gênero é performativo significa dizer que existe uma determinada expressão e manifestação, uma vez que a aparência do gênero, muitas vezes, é confundida com um sinal de sua verdade interna ou inerente. O gênero está condicionado por normas obrigatórias que o fazem definir-se em um sentido ou outro (geralmente dentro de um quadro binário) e, portanto, a reprodução do gênero é sempre uma negociação de poder. Finalmente, não existe gênero sem reprodução das normas que ponham em risco o cumprimento ou o descumprimento de tais normas, abrindo-se, desse modo, a possibilidade de uma reelaboração da realidade do gênero através de novas formas (BUTLER, 2009, p. 322).

A palavra *performance* também pode ser englobada na teorização sobre performatividade de gênero, porém deve-se ter cuidado ao interpretar o termo de maneira descontext-



tualizada do que Judith Butler propõe. A teórica feminista afirma que as duas dimensões se entrecruzam, pois a performance está dentro do processo de performatividade, pelos efeitos do discurso em atuação sobre o corpo (BUTLER, 2014) e, deste modo, tal processo não pode ser compreendido como uma possível “escolha” aleatória de identidades. Aqui, neste artigo, utilizaremos os termos masculinidades performativas, performatizações e performances de masculinidades, como sinônimos, para discutir a categoria masculinidade e suas significações.

No que se diz respeito às masculinidades, Badinter (1993), Moita Lopes (2001) e Silva Junior (2017) nos mostram que são comunidades imaginadas e marcadas por discursos e pertencimentos a determinados grupos. Em outras palavras, elas não existem como estruturas consolidadas de papéis, contudo, não podemos negar a existência de uma grande preocupação em criar regras e normas que integrem (disciplinem) os corpos de homens ao essencialismo identitário. São práticas diárias nas quais garotos são engajados, enfatizando agência (FROSH; PHOENIX; PATTMAN, 2002), e, neste sentido, as masculinidades são construídas e reconstruídas, em outras palavras, performatizadas, não podendo ser tomadas como realidades imutáveis e objetivas, estando sempre de acordo com a história e a cultura, bem como sujeitas às relações de poder.

Em oposição ao modelo normalizador de masculinidade, alguns autores, como por exemplo: Connell (2000), Frosh; Phoenix e Pattman, (2002), O`Donnell; Sharp (2002), entre outros, nos apresentam as masculinidades subordinadas ou marginalizadas como aquelas que são produzidas na exploração e opressão de grupos e minorias. Essas identificações são construídas com base em estereótipos e os sujeitos são marcados como abjetos, sem brilho e valores. A identidade feminina, normalmente, serve como o elemento que reforça essas masculinidades, através da negação de qualquer proximidade de seus sentidos. Assim, aqueles garotos que apresentam uma determinada fragilidade, não praticam esportes, não exercem a violência ou que não vivem, em público, o que se espera do modelo hegemônico de masculinidade são considerados menos másculos ou *gays*.

Porém, neste artigo, nos inspiramos em Brito (2016) e Couto Junior e Brito (2018), para pensar as masculinidades como enunciações performativas. Segundo os autores, pensar as masculinidades pela noção de performatividade de gênero e pela perspectiva dos estudos *Queer* implica reconhecer a desestabilização do essencialismo identitário e a infinitude de sentidos possíveis atribuídos ao masculino. Desta forma, masculinidades performativas podem contribuir para problematizar as normas regulatórias do gênero, que buscam, além de regular, privilegiar determinadas formas de materialização de corpos, em particular de meninos e jovens, conforme este artigo se detém. Na sequência, apresentamos nossa pesquisa de campo.

Narrativas, discursos e performances

As narrativas dizem respeito a um modo de concepção do discurso, estando sempre presentes nas práticas sociais (THORNBORROW; COATES, 2005) e constituem um importante conceito para esse trabalho. Entendemos que, ao narrar, o sujeito está se construindo e construindo o mundo em sua volta, assim, a narrativa contribui para a construção e exposição do nosso senso de quem somos (SCHIFFRIN, 1994), possibilitando também que construamos nossas relações com os outros e com o mundo que nos cerca (BASTOS, 2005).

Através das narrativas biográficas e autobiográficas, nossas experiências e nossas



relações com os outros ganham significados. É a partir delas que falamos sobre nós, sobre nossas vidas e acabamos nos tornando aquilo que contamos (SCHIFFIN, 1994). Em outras palavras, os narradores podem construir o que são e se posicionarem socioculturalmente através das histórias que contam. Nesta perspectiva, descrevendo eventos, o narrador toma o controle de sua vida e pode reforçar ou criar algo mais movimentado para afirmar o eu (WORTHAN, 2001).

Partindo do pressuposto de que os discursos, as narrativas e as histórias de vida acontecem através da linguagem e que ao dizermos algo estamos fazendo algo (AUSTIN, 1990), pode-se dizer que ao narrar estamos realizando uma performance. O conceito de performance é muito amplo, está relacionado a eventos, a espetáculos, a ensaios, assim como, também ao ato dizer algo e com isso existir a possibilidade de se produzir efeitos de realidade, pois na performance, o sujeito precisa acreditar no que está dizendo ou fazendo para convencer a audiência (GOFFMAN, 2004). É essa crença que leva o outro acreditar naquilo que está sendo dito ou realizado, assim, todo discurso pode ser compreendido como performance. Nesta perspectiva, as identidades sociais, como o gênero e orientação sexual, são produzidas através da performance, onde a repetição de atos, gestos e de falas tenta reforçar a ideia de que existe uma essência, uma forma preestabelecida de ser, entretanto, não existe uma essência, é a linguagem que constitui as subjetividades, conforme já discutimos tomando como base a noção de performatividade de gênero, de Judith Butler. Ao pensar no cenário onde está ocorrendo a performance, nos elementos que contribuem para realização do ato e que são empregados consciente ou inconscientemente durante o evento, nomeia-se como situacionalidade (PENNYCOOK, 2007). As pessoas são constituídas a partir dos contextos nos quais estão inseridas e os significados serão dados e entendidos a partir deste contexto. Já o conceito de posicionamento, importante também nesta discussão, se refere a como as pessoas são localizadas no discurso ou na conversa quando estão/são engajadas construindo significados com outras pessoas (PENNYCOOK, 2007). Assim, a partir da narrativa o eu é delineado de acordo como o narrador se posiciona diante de outros personagens e diante do que está sendo narrado.

Neste sentido, os jovens adolescentes estudantes, que narraram suas histórias, são oriundos de uma escola pública municipal, localizada no 2º distrito de Duque de Caxias, que oferece desde a educação infantil ao segundo segmento do ensino fundamental. A escola, no ano de 2015, período em que ocorreu a pesquisa, possuía cerca de 1000 estudantes, provenientes da classe trabalhadora e de baixa renda da região. Os sujeitos participantes da pesquisa, cursavam o 9º ano do ensino fundamental, no horário do segundo turno.

Essas narrativas foram elicitadas com o objetivo de problematizar como os rapazes, *Victor* e *Felipe* (nomes fictícios), se constroem como “homens” – um com orientação homossexual e o outro heterossexual –, a partir das performances de masculinidades que narram. *Victor* – 15 anos, branco, alto, considerado muito bonito por meninos e meninas, faz questão de conhecer o mundo moda, usa cortes de cabelo sempre atualizados. Seu histórico na rede: estuda na mesma escola desde a primeira série do ensino fundamental (quando tinha 7 anos). É assumidamente homossexual e conversa abertamente sobre sua orientação sexual, e, inclusive, já namorou rapazes da escola. *Felipe* – 15 anos, negro, é mais forte e mais baixo do que *Victor* e se orgulha de sua orientação heterossexual e de sua masculinidade performatizada no contexto das “normas”. Por ser bom aluno em matemática e bom desenhista está sempre disposto a oferecer seu apoio a todos que necessitarem.

As gravações aconteceram na escola, sendo a de *Felipe* no dia 03 de agosto de 2015 e



a de *Victor* na semana seguinte, dia 10 de agosto de 2015. Um dos autores deste trabalho conhece os dois rapazes há muitos anos, pois os mesmos são alunos da escola em que o mesmo trabalha, desde a educação infantil, e o clima foi completamente informal. Assim, o trecho que interessa para discussão, constitui uma narrativa elicitada (THREADGOLD, 2005), ou seja, *Victor* e *Felipe* (em momentos distintos) foram provocados para que falassem sobre o que é “ser homem”. Do material coletado e transcrito, selecionamos o trecho que interessava a esse trabalho para problematização. Ressaltamos, que para realizar as transcrições, utilizamos as convenções indicadas por Bastos (2005), em que as palavras escritas com letras maiúsculas indicam uma ênfase do narrador; ... uma pausa; e os símbolos ↑↓ indicam frases ditas com uma maior ou menor entonação.

Victor combinou de se encontrar na escola com o pesquisador momentos antes da aula. Ele chegou, cumprimentou e assentou de pernas abertas, destacando uma performance corporal do que se espera do masculino mais normativo, entretanto suas enunciações na entrevista caminharam por outro viés.

Segue o trecho:

Pesquisador: - O que é ser homem para você?

Victor: - Para mim.... ser homem é me identificar com o gênero masculino. Mas o que realmente te faz homem é AGIR como tal.

Pesquisador: - O que é agir como tal?

Victor: - Usar roupas masculinas.... e se sentir bem, gostar sabe? Falando assim até soa preconceituoso mas se você se identifica como homem, você é HOMEM.

Pesquisador: - Explica melhor:

Victor: - Se uma mulher homossexual se identificar como homem e querer ser homem, . ↑ beleza, ela pode ser sim um homem. . ↑ Ser homem não é apenas ter um órgão genital masculino

Pesquisador: - Você acha que existem várias maneiras de ser homem?

Victor: ↑ - Claro que sim. Ao meu ver, ser homem é se IDENTIFICAR como homem, como eu disse antes. Mas, ninguém é igual, tem homem que curte pop e o outro curte rock.... Ninguém é igual, você dizer que pra ser homem tem que jogar futebol, assistir filmes de ação e etc é a maior mentira. Isso é rotular. Todos somos diferentes.

Pesquisador: - Mas você acha que no dia-a-dia, as pessoas pensam assim

Victor:-.... Infelizmente não... Não sei... algumas até dizem que pensam..

Pesquisador: - Então como agir?

Victor: - Eu mostro ...falo que HOMEM que SOU... ↑ gosto e namoro meninos.. (risos)..

Pesquisador: - Mas não sofre discriminação e preconceitos?

Victor: Na escola ↑ agora não diretamente Mas... na escola mesmo eu fui vítima de preconceito e sempre fiquei quieto porque eu achava que eu era errado mesmo.

Pesquisador: - Como mudou:

Victor: - Um dia que um dos meus professores conversou comigo e me disse que o que faziam comigo era cruel.Ele passou um filme.....Conversou muito comigo..

Pesquisador: - E o que mudou:

Victor: - Eu passei a exigir respeito... Eu passei a me aceitar. Mostro para as



peças quem sou e não me abaixo para as peças nesta escola e na rua. †Tenho muitos amigos gays e bissexuais.

Pesquisador: - Observo aqui na escola que alguns adolescentes são alvo de brincadeiras de mal gosto, de discriminação em relação à sexualidade, mas isso não acontece com você. Como justifica isso?

Victor: - Eu tenho PERSONALIDADE.

Pesquisador: - Como assim?

Victor: †Eu sou o que sou, Não me abaixo para eles. Mostro que sou HOMEM como eles. Estes garotos só encaram quando são indecisos que não sabem o que querem..

Pesquisador: - Será?

Victor: - †Com certeza.. olha o Lucas da manhã.. é uma mulher..mas tem PERSONALIDADE. Vê se alguém brinca com a cara dele? Ele vai em cima... enfrenta. Agora olha os que não se impoem... todos zoam..

A narrativa do estudante *Victor* aponta o sentido de “ser homem” como um processo de identificação, que ocorre independente da orientação sexual, trazendo sentidos importantes sobre a masculinidade. Apresentando um posicionamento político crítico, o jovem adolescente que se identifica como homossexual, enuncia desestabilizações de sentidos importantes sobre o masculino, relativizando questões como gostos, desejos pessoais e até mesmo o sexo anatômico, na constituição do que entende sobre “ser homem”. Tal posição enfatiza a masculinidade performativa como uma identificação potente, tanto em negação à fixidez identitária, como no reconhecimento de sentidos infinitos sobre o masculino.

Nas palavras de Butler (2015, p.55):

Se é possível falar de um “homem” com um atributo masculino e compreender esse atributo como um traço feliz, mas acidental desse homem, também é possível falar de um “homem” com um atributo feminino, qualquer que seja, mas continuar a preservar a integridade do gênero.

Outro ponto importante na fala de *Victor*, diz respeito à intervenção de um professor na escola que o fez refletir sobre o preconceito que vivia, assim como não se sentir inferiorizado sobre sua orientação sexual e, possivelmente, sobre sua performance de masculinidade dissonante à norma – na maior parte das vezes, sabe-se que a performance, com força maior que a orientação sexual, é o principal ponto de segregação de estudantes homossexuais nas escolas (BRITO, 2016).

Tal encorajamento proposto pelo professor coaduna com a proposta de educar para a diferença (LOURO, 2008). Ampliando tal discussão, os estudos *Queer* estão engajados no que se reconhece como política da diferença (MISKOLCI, 2013), proposta que emerge como uma crítica ao multiculturalismo estadunidense, que se pautava na retórica da diversidade e aqui no Brasil nas demandas de ações afirmativas – que não discordamos, mas reconhecemos que se pode ir além delas –, que apresentavam como sentidos “tolerar” e “incluir” os diferentes, o que se distancia bastante de reconhecer e valorizar o outro em suas especificidades. A diversidade trabalha com a ideia de um poder horizontal, no qual se buscaria evitar o conflito e as divergências entre os diferentes grupos socioculturais, apesar de integrá-los, e a diferença tensionaria estes grupos encarando as assimetrias e hierarquias, visando a construção de um contexto democrático em que o outro se torna



parte de todos nós. A perspectiva da diferença direciona-se à alteridade, como também: “Em uma perspectiva das diferenças, *Queer*, não normativa [...] pode-se pensar na possibilidade de usá-las para modificar o processo educacional” (MISKOLCI, 2013, p.51), o que reconhecemos como uma premissa potente nos espaços escolares.

Trazemos Louro (2008, p.48) para a complementação desta análise, pois a autora em seus estudos faz o esforço de refletir sobre a construção de uma pedagogia ou um currículo *Queer*, apontando que estes devem dirigir seu olhar para os processos que produzem as diferenças, superando apenas o reconhecimento de uma “sociedade plural”, mas contemplando neste processo um “dar-se conta das disputas, das negociações e dos conflitos constitutivos das posições que os sujeitos ocupam”. Deste modo, o relato de *Victor* mostra como a intervenção do professor no contexto escolar o possibilitou seguir em frente, reformatizando sua masculinidade e vivenciando sua orientação sexual com menos receio de possíveis retaliações.

A segunda entrevista, com o estudante Felipe, foi planejada no final do mês de junho e aconteceu no início de agosto. Ele chegou à escola no horário combinado, e, uniformizado, apresentava um grande cuidado com a maneira de se vestir e se portar. O seu jeito sério e, ao mesmo tempo, atencioso chamava a atenção.

Segue o excerto:

Pesquisador: - O que é ser homem para você?

Felipe: - Ser homem... é ter ATITUDE... é saber respeitar os outros... as mulheres... É saber HONRAR O QUE TEM! Honrar o sexo não ficar de brincadeira... como muitos aqui

Pesquisador: - O que é ficar de brincadeira?

Felipe: - Ora professor... brincadeira... esses meninos que ficam de agarra agarra tanto com outro como com as meninas... ficam zoando os outros... falando dos outros

Pesquisador: - Homem na escola tem que praticar esportes?

Felipe: - ↓tem que fazer tudo... Aqui na escola nem dá para fazer esporte direito..olha a droga de quadra..mas.. acho que todos homens gostam de esportes aqui..até as meninas... tem muitas que jogam bola.

Pesquisador: - Aqui na escola alguns alunos que são gays assumidos, outros nem tanto. Gostaria de pensar nos que são assumidos. O que você acha da postura deles?

Felipe: - Aqui tem muitos.. parece que tá nascendo muito viado... olha, eu não me misturo com eles... mas não sou contra.. outro dia, o Samuel me chamou de homofóbico... sou não, mas não me misturo... Eu não acho legal eles ficarem desmunhecando, chamando de mulher..

Pesquisador: - Mas você faz trabalho junto com Victor que se assume como gay

Pesquisador: - Professor... sei lá.. o Victor fala dos namorados e tudo... mas ele se impõe... ele sabe se respeitar e respeita os outros. É igual o Michael dança, brinca, desmunheca demais... mas briga com qualquer um que desrespeitar ele..

Pesquisador: - E os outros?

Felipe: ... (pensou bastante)... pensa nos gêmeos... o que é aquilo... eles tem caráter? Não se assumem... desmunhecam... não se colocam... É, acho que é isso ↑ninguem sabe o que eles querem...



O estudante *Felipe*, em sua narrativa, trouxe questões divergentes da narrativa de *Victor*, ao enunciar essencializações sobre o masculino. Com falas atravessadas por preceitos próximos à homofobia e afeminofobia, *Felipe* narra sua posição de defesa por uma performance de masculinidade normativa, que, conforme a teorização que subsidia nossas discussões, “leva a efeito uma falsa estabilização do gênero, no interesse de construção e regulação heterossexuais da sexualidade no domínio reprodutor” (BUTLER, 2015, p.234).

As enunciações do jovem adolescente na entrevista, que refletem pontos que se aproximam da homofobia, negam a proximidade com colegas identificados como homossexuais na escola, repudiando atitudes e brincadeiras cotidianas, como “agarra”, além de afirmar: “olha, eu não me misturo com eles”. Homofobia pode ser conceituada como atitude de hostilidade contra pessoas que se identificam como homossexuais, designando estas pessoas como o outro, aquele/a que é inferior, anormal e estranho, fora do universo tido como normal e comum aos humanos (BORRILLO, 2010).

Além disso, a homofobia perpassa uma lógica binária presente em nossa sociedade viril e androcêntrica, que legitima e aprecia valores considerados masculinos em detrimento dos femininos. A homofobia constitui elementos que modelam um modo único de “ser homem” na sociedade, pois “ser homem implica menosprezar as mulheres e detestar os homossexuais” (BORRILLO, 2010, p. 89). Um aspecto central da identificação de ausência de virilidade estaria na assemelhação com a feminilidade, como, por exemplo, a performance de gênero de um sujeito, reconhecido socialmente como “homem”, abarcar aspectos tidos como feminino. Neste contexto, estaríamos diante da afeminofobia, uma espécie de “fantasma” que “assombra” as performances normativas de masculinidades.

O termo afeminofobia levanta a questão do distanciamento e repulsa do feminino entre homens, pois a imagem do menino e do jovem afeminado significava uma posição marginal e desonrosa para sujeitos que se identificavam como “homens”, já que o reconhecimento do feminino, até mesmo na homossexualidade, precisava ser negado e descartado, dada sua carga de estigmatização na sociedade (SEDGWICK, 1991).

Ressaltamos também, que o ato de coçar ou pegar a região peniana foi uma constante naquela tarde em que ocorreu a entrevista com *Felipe*, principalmente quando questionado sobre “ser homem”. Este fato, pode mostrar a estreita relação entre masculinidade – normativa – e a valorização do falo. Para se firmar e reforçar sua posição como “homem”, o estudante precisou mostrar que estavam presentes naquela conversa, ele e o falo. A enunciação relatada na entrevista “HONRAR O QUE TEM”, embora não tenha sido explorada pelo pesquisador, apresenta aproximações, em nossas interpretações, com a valorização do pênis.

Nos chamou atenção, ao compararmos as falas dos dois jovens adolescentes, o respeito por sujeitos que na escola “se impõem” em relação à orientação homossexual e à performance de masculinidade dissidente à norma. Os dois estudantes valorizaram, em suas enunciações nas entrevistas, o fato dos colegas gays não permitirem serem rechaçados na escola, ainda que na fala de *Felipe*, o ato de “se impor” pareça ter proximidade com o fato de não ser afeminado, ou seja, de performatizar uma masculinidade mais normativa. No caso de *Victor*, o relato sobre seu modo de vivenciar sua orientação sexual e sua performance de masculinidade na escola é legítimo e, até mesmo, admirável, porém não pode ser tido como uma norma – uma espécie de homonormatividade – para que estudantes que se identificam como homossexuais superem as segregações cotidianas.



Considerações

Buscamos, ao longo deste artigo, problematizar narrativas de dois estudantes sobre os sentidos das masculinidades como performances no contexto escolar. As narrativas nos permitiram perceber discursos múltiplos e, de uma maneira geral, divergentes sobre os significados de “ser homem”, ainda que tenham convergido, em alguma medida, com a valorização do ato de se “impor” na escola, quando o sujeito se identifica como homossexual.

Pensar em masculinidades performativas, nos diferentes contextos sociais, nos direciona a vislumbrar o reconhecimento de infinitas possibilidades de “ser homem”, contestando a imposição de padrões e regulações sobre os sentidos do masculino, em particular, nos contextos escolares, foco de discussão desta pesquisa. Os cotidianos escolares são espaços ricos em que os estudantes, através de suas performatizações, questionam os modos impostos pelo senso comum e pelo pensamento conservador, que buscam, reiteradamente, estabilizar os sentidos do masculino. Entretanto, é justamente pela repetição da norma, conforme a teorização da performatividade de gênero, que os deslocamentos emergem para visibilizar as incalculáveis possibilidades de “ser homem”.

Assim, conhecer os discursos e as narrativas sobre gênero e sexualidade dos/das estudantes, pode contribuir para a construção de um currículo que busque valorizar e reconhecer as inúmeras identificações de orientação sexual, de masculinidades e feminilidades como performances, mas principalmente problematizar e desconstruir o discurso da (hetero)norma. E, deste modo, colocar em xeque visões essencializadas e congelamentos identitários, valorizando infinitas identificações para os espaços escolares e propondo o potente diálogo entre as diferenças nas práticas pedagógicas cotidianas.



Referências

ARTES, A. C. A.; CARVALHO, M. P. O trabalho como fator determinante da defasagem escolar dos meninos no Brasil: mito ou realidade? **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 34, p. 41-74, jan/jun. 2010. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332010000100004&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 17 de fev. de 2018.

AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer**. Porto Alegre: Artes Médicas.

BACHILLER, C. R. Poscolonialismo y teoría *Queer*. In: CORDOBA, D.; SAEZ, J. VIDARTE P. (Org.) **Teoría Queer**: políticas bolleras, maricas, trans, mestizas. Barcelona/Madri: Egales, 2005, p.22 – 48.

BADINTER, E. XY. Sobre a Identidade Masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BASTOS, L. C. Contando Estórias em contextos espontâneos e institucionais: uma introdução ao estudo da narrativa. **Caleidoscópio**, Brasília, v.3, n. 2, mai./ago. p.44/47, 2005. Disponível em: < https://www.academia.edu/21840738/Contando_est%C3%B3rias_em_contextos_espont%C3%A2neos_e_institucionais_-_uma_introdu%C3%A7%C3%A3o_ao_estudo_da_narrativa>. Acesso em: 20 de mai. De 2018.

BENTO, B. **Homem não tece a dor**: queixas e perplexidades masculinas. Natal: UFRN, 2013.

BORRILLO, D. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BRITO, L. T. Masculinidades precárias: narrativas de jovens gays sobre homofobia no contexto escolar. In: FERRARI, A.; CASTRO, R. P. (Org.). **ABEH e a construção de um campo de pesquisa e conhecimento**: desafios e potencialidades de nos re-inventarmos. Campina Grande - PB: Editora Realize, 2017, p. 578-586.

BRITO, L. T.; FREITAS, J. G. O.; SANTOS, M. P. “Não, Isso não é Coisa pra Homem”- Masculinidades e os Processos de Inclusão/Exclusão em uma Escola da Baixada Fluminense – RJ. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, v. 5, n. 2, p. 114-125, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/6137>>. Acesso em: 17 de fev. de 2018.

BUTLER, J. Performatividad, precariedad y políticas sexuales. **Revista de Antropología Iberoamericana**, Madrid, v. 4, n. 3, sep./dec. 2009, p. 321-336. Disponível em: < <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=62312914003>>. Acesso em: 17 de fev. de 2018.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 8ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, J. Repensar la vulnerabilidad y la resistencia. In: XV Simposio de la Asociación



Internacional de Filósofas (IAPh), Alcalá de Henares, España, 2014. Disponível em: http://www.cihuatl.pueg.unam.mx/pinakes/userdocs/assusr/A2/A2_2195.pdf. Acesso em: 20 de mai. de 2018.

CAETANO, M. **Performatividades Reguladas**: heteronormatividade, narrativas biográficas e educação. Curitiba: Editora Appris, 2016.

CAETANO, M. R. V.; SILVA JUNIOR, P. M.; GOULART, T. E. S. Masculinidades hegemônicas e dissidências: tensões curriculares em cotidianos de escolas da periferia. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 1, p. 214-232, jan./abr. 2016. Disponível em: < <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/6851/pdf> >. Acesso em: 17 de fev. de 2018.

CARLSON, D. Who Am I? Gay Identity and a Democratic Politics of the Self. In: PINAR, W. E. (Org.) **Queer Theory in Education**. New Jersey e Londres: Lawrence Erlanbaum Associates Publishers, 1998.

COUTO JUNIOR, D. R. ; BRITO, L. T. “Vocês conhecem algumx -heterossexual flexível??”: masculinidades performativas em debate. **ETD: EDUCAÇÃO TEMÁTICA DIGITAL**, v. 20, p. 81-97, 2018. Disponível em: < <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8647597> >. Disponível em: 20 de mai. de 2018.

FROSH, S.; PHOENIX, A.; PATTMAN, R. **Young Masculinities**. New York: Palgrave, 2002.

GOFFMAN, E. Performances: belief in the part one is playing. In: BIAL, H. (Org.). **The performance Studies Reader**. Nova York: Routledge, 2004, p.17-24.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria *Queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. Autêntica, 2013.

MOITA LOPES, L. P. Práticas narrativas como espaço de construção das identidades sócias – uma abordagem socioconstrucionista. In: RIBEIRO, B. T.; LIMA, C. C.; DANTAS, M. T. L. **Narrativa, Identidade e Clínica**. Rio de Janeiro: Edições IPUB - CUCA, p. 55-71.

O`DONNELL, M.; SHARP, S. **Uncertain Masculinities**. Londres: Routledge, 2002.

PELÚCIO, L. O Cu (de) Preciado? Estratégias cucarachas para não higienizar o *Queer* no Brasil. **Iberic@l: Revue d´études ibériques et ibéro-américaines**, Paris, v. 1, p. 123-136, jul. 2016. Disponível em: < <http://iberical.paris-sorbonne.fr/wp-content/uploads/2016/05/Pages-from-Iberic@l-no9-printemps-2016-12.pdf> > . Acesso em: 17 de fev. de 2018.

PENNYCOOK, A. **Global Englishes and Transcultural Flows**. Nova York: Routledge, 2007.

SCHIFFRIN, D. Speech Act Theory. In: SCHIFFRIN, D. **Approchse to Discourse**. Cambridge, Mass: Blackwell, 1994, p. 15 – 22.



SEDGWICK, E. K. How to bring your kids up gay. **Social Text**, n. 29, 1991, p. 18-27.

SEFFNER, F.; SILVA, L. F. "Mind the trap": o menino, a escola e a folha de alface. **Educação**, Porto Alegre, v. 39, n. 3, set./dez. 2016. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/22451/15154>>. Acesso em: 17 de fev. de 2018.

SILVA JUNIOR, P. M. "Se der mole ... eu passo o rodo": quando as questões de gênero, sexualidades, masculinidades e raça invadem o cotidiano escolar. **Revista Café com Sociologia**, Maceió, v.6, n.1, 2017. Disponível em: <https://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/article/view/789>. Acesso em: 10 de mar. de 2018.

SULLIVAN, N. **A critical introduction to Queer theory**. Nova York: New York University Press, 2003.

THORNBORROW, J.; COATES, J. **The Sociolinguistics of narrative**. Amsterdam: John Benjamins, 2005.

THREADGOLD, T. Performing theories of narrative: theorizing narrative performance. In: THORNBORROW, J.; COATES, J. (Org.). **The Sociolinguistics of Narrative**. Amsterdam: John Benjamins, 2005. p. 261-278.

WARNER, M. *Fear of a Queer planet: Queer politics and social theory*. Minnesota: Minnesota Press, 1991.

WILCHINS, R. *Queer theory, gender theory*. Los Angeles: Alysson Books, 2004.

WORTHAM, S. **Narratives in Action**. New York: Teachers College Press, 2001